

Mostra em 16 mm

Sérgio Habib

Céu de Anil, de Paulo Roberto Chaves Fernandes, exibido na mostra de ontem, teve sérios problemas com a censura, tanto que não consta do catálogo do festival. O filme se baseia em Morrer Pela Pátria, de Carlos Cavaco, escrita nos anos 30. Para tal, o realizador se utilizou de marionetes: a mãe-pátria que parou no tempo, seus filhos (um da esquerda o outro da direita), e a noiva do primeiro. Céu de Anil alterna ficção e documentário, que enfoca uma parada de 7 de setembro no Rio. Em seu lado documental, com a câmara bravamente perscrutadora de Valter Carvalho, entrando multidão afora. Quanto à parte ficcional, bem poderia ser mais sintético; ali nota-se uma direção algo insegura mas que, entretanto, revela firmeza nos trechos de documentário. Um filme, enfim, atrevido, principalmente ao criticar o civismo pachorrento dos regimes autoritários. Mas achei muito infeliz o fato de Fernandes haver colocado, no mesmo saco de gozação, intelectuais de posturas tão diversas como Gilberto Freire e Nelson Pereira dos Santos, Flávio Rangel e Pedro Calmon. Pior do que isso, só mesmo a dedicatória final: "Aos intelectuais progressistas"!.. Isso cheira a apelação.

Identidade, de Tião Maria, de início, só seria exibido com cortes; o realizador chiou; a ABD, idem — e acabou que o filme foi mostrado na íntegra, já que, como lembrou Ruy Pereira da Silva, a censura (leia-se Rogério Nunes) foi benevolente com os filmes do festival. Identidade é apenas uma curtição (muito louca), e nada mais.

Carolina Leóbas é a estréia nessa bitola de Sérgio Moriconi, superoitista recém-saído da UnB. Girando em torno do poeta popular, Carolina Leóbas, que mora em Ceilândia, o documentário denota, pelo menos, uma

segurança na linguagem — e uma influência, bem assimilada, mas ainda verde, de Vladimir Carvalho, seu mestre.

Bahia de Todos os Exus, de Tuna Espinheira, conseguiu ser ser interessante sem abdicar do didatismo, na maioria das vezes até excessivo. Espinheira atinge seus melhores momentos quando abandona a narração em off e ouve depoimentos. O mais interessante, o de um especialista no assunto, diz que Exu tem algumas características do homem brasileiro.

Com o título tirado de uma música (Festa Imodesta) de Caetano Veloso, Salve o Compositor Popular, de Ivan Viana, tem como mérito maior a primorosa fotografia de Anselmo Serrat. As imagens são o registro do show ao ar livre que Milton Nascimento deu em Três Pontas, onde foi criado, no interior mineiro. O maior equívoco, aqui, foi o de querer abranger o gosto musical da "classe-média emergente" — e o resultado foi um tanto diverso.

Ano passado, Sérgio Péo foi impedido de participar, pela Censura, do Festival de Brasília com Rocinha 77. Depois de ampliado para 35 mm, esse filme foi liberado com o carimbo de "censura livre". Será por prevenção com as realizações em 16? Desta vez, apresentando Cinemação: Curtametralha a Censura disse sim.

Trata-se de um documentário sobre a batalha da lei do curta-metragem que preferiu o escracho à la Glauber que os arriscados caminhos do filme-didático.

A mostra encerra-se hoje com Teatro Negro, de Daniel José Caetano, Paraíso Juares, de Thomas Farkas, Nós e Eles, de Augusto Sevá, Sujo Anônimo, de Antônio Padilha, Bolas e Balas de Jorge Abraçches e Emiliano Ribeiro, Mulheres de Cinema, estréia diretorial da atriz Ana Maria Magalhães.